

Terra de ninguém



Surfistas e pescadores disputam mesmo espaço

A ausência de definição sobre a competência na demarcação das áreas para a prática de esportes e a atividade pesqueira coloca em risco a vida de surfistas e banhistas. O Centro de Estudos de Geologia Costeira e Oceânica da UFRGS (CECO) está envolvido em um projeto que pretende integrar as instâncias federal, estadual e municipal, na busca de uma solução para o problema. [Página central](#)

FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

PORTUGUESES EM ALTA

Autores da literatura portuguesa contemporânea são presença cada vez mais freqüente nas livrarias do Brasil. Especialistas apontam a redução dos custos de produção e a facilidade de divulgação via internet como fatores que contribuem para tal crescimento. [Página 11](#)

RAZÕES DA DERROTA DE CHÁVEZ

A professora do IFCH Claudia Wasserman analisa os motivos que levaram os venezuelanos a impor limites para a ambição do presidente Hugo Chávez. Para ela, a derrota também sinaliza a necessidade de ir com calma na intensificação do socialismo na Venezuela. [Página 10](#)

SAÚDE EM ALERTA

O aumento dos casos de dengue e o ressurgimento da febre amarela colocaram epidemiologistas e órgãos da saúde em estado de alerta. Jair Ferreira, professor de Epidemiologia da Faculdade de Medicina, explica por que doenças aparentemente controladas estão de volta. [Página 5](#)

FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO



CECLIMAR

De braços dados com a comunidade

Inaugurado há 25 anos, o Centro tem investido na consolidação de parcerias com uma série de instituições, desenvolvendo ações educativas especialmente voltadas para crianças durante as férias de verão. Além do Museu de Ciências Naturais, que recebe visitantes durante o ano todo, o Ceclimar mantém um Centro de Reabilitação de Fauna Marinha e Silvestre. [Página 8](#)

BENAMI TURKIENICZ



CABO VERDE

Cooperação além-mar entre universidades

Desde 2007, a UFRGS está colaborando para a implementação de três cursos de pós-graduação na recém-criada Universidade Nacional de Cabo Verde: Sociologia, Engenharia Civil e Ordenamento e Desenho do Território. Na avaliação dos professores que participam da iniciativa, esses primeiros programas representam um divisor de águas na relação entre os dois países. [Página 9](#)

Encartado
nesta edição

Especial
UFRGS
Avanços
2007

A síntese das principais ações que marcaram a Universidade no ano que passou

Cartas



Venho parabenizar a equipe do Jornal da Universidade pela alta qualidade gráfica atingida por este jornal e aproveito a oportunidade para desejar-lhes um 2008 repleto de alegrias e sucessos.

Ana Maria Py Daniel Busko e equipe Núcleo Visual Design
Curso de design da UFRGS

Sugiro que o JU publique reportagem sobre os talentos pouco conhecidos da UFRGS, destacando trabalhos de alunos, técnicos, professores e aposentados que desenvolvem uma carreira paralela à academia no mundo das letras e artes, seja lançando livros, discos ou participando de mostras individuais ou coletivas.

Maurício Costa
Ex-aluno de Arquitetura

Memória da UFRGS

ACERVO MUSEU DA UFRGS



► **1986** Vista da sala de exposições do Museu de Ciências Naturais do Ceclimar, em Imbé. O trabalho do Centro junto à comunidade litorânea é destaque na reportagem da página 8 desta edição

Espaço da Reitoria

Com os olhos no futuro

O ano de 2008 marca o bicentenário da chegada da corte real portuguesa ao Brasil, fato histórico que será objeto de inúmeros eventos. Muitas vezes negligenciada pela historiografia, hoje se afirma cada vez mais a tendência de resgatar sua importância não só para o processo de independência política, como também para a educação e a cultura, pois várias novidades nessas áreas apareceram no Brasil: os primeiros jornais, bibliotecas, jardim botânico, cursos superiores, enfim, inúmeras instituições necessariamente integrantes de qualquer projeto de nação moderna.

Acontecimentos históricos como

esse abrem a oportunidade para a reflexão, sobre o quanto se avançou e quais as conquistas, entaves e percalços – conquanto esse balanço sempre se faça com olhos no tempo presente.

Recente trabalho da *Higher Education Evaluation & Accreditation Council of Taiwan*, ao elencar as melhores universidades voltadas à pesquisa, constata que dentre quinhentas instituições apenas nove estão na América Latina, das quais seis são brasileiras. Destas, são três estaduais pau-

A reflexão histórica nos força também a pensar o quanto ainda nos falta, o que deixou de ser feito

listas e três federais, entre elas a UFRGS – a única fora do “eixo hegemônico” da Região Sudeste. Comemoramos nossa presença nessa classificação, a qual confirma outros indicadores de avaliação de ensino e de pesquisa, como a tradicional da Capes, que posiciona a UFRGS como a primeira entre as federais no ensino da pós-graduação do país. Mas a reflexão histórica nos força também a pensar o quanto ainda nos falta, o que deixou de ser feito para que as uni-

versidades brasileiras pudessem hoje estar em patamar internacional mais destacado – que fosse apenas condizente com a posição relativa do PIB, por exemplo.

Há pouco mais de um século, começaram a ser criados os primeiros cursos que hoje formam nossa Universidade – a metade do tempo, aproximadamente, da chegada da família real. Tempo suficiente para o trabalho de inúmeras gerações criar a grande universidade que somos, mas certamente não teremos o mesmo tempo para alcançar o patamar de universidade com que sonhamos.

Pedro Cezar Dutra Fonseca
Vice-reitor

Artigo

Maestro Pablo Komlós e o Coral da UFRGS

Nascido em 15 de setembro de 1907, em Budapeste, Hungria, o maestro Pablo Komlós teve sua carreira de regente dividida em duas fases: a européia e a sul-americana, tendo obtido ascensão rápida e brilhante em sua cidade natal, onde foi regente da Ópera Municipal. Na época, a cidade se constituía num importante centro cultural e artístico, ecoando a intensa atividade musical que partia de Viena, a capital da música da Europa. Lá, teve contato com Zoltan Kodaly e Leo Winter, e iniciou na carreira de regente aos 18 anos, dirigindo a ópera Carmen, com muito sucesso. A segunda Guerra Mundial obrigou-o a vir para a América do Sul, instalando-se primeiramente em Montevidéu, onde desenvolveu intensa atividade como regente e professor de canto e ópera. Em 1950, aceitou o convite para fundar a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Ospa), da qual foi regente titular e diretor artístico por 27 anos.

A iniciativa da formação de um coral sinfônico surgiu de uma parceria entre o reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Elyseu Paglioli, e o maestro da Ospa, Pablo Komlós, que firmaram um convênio para concertos na Universidade. Uma centena de estudantes aceitou o convite feito pelo maestro, que percorreu pessoalmente todas as unidades de ensino. O Coral da UFRGS, portanto, foi criado para atuar junto à Orquestra. O objetivo foi dar nova característica aos concertos, atraindo o público jovem. Na primeira apresentação, 46 anos



NEV GASTAL

atrás, uma platéia lotada, sob a curiosidade acadêmica e a desconfiança da cidade inteira, ouviu “Aida” de Verdi, em forma de concerto, cantado com “alma, coração e vida”. Seguiram-se as óperas encenadas, cantatas, sinfonias e oratórios, como “Tanhäuser”, “Carmina Burana”, “Rei Davi”, “Nona Sinfonia”, “Madame Butterfly” e muitos outros espetáculos que emocionaram milhares de pessoas.

Segundo os cantores fundadores do Coral, Komlós era um músico vibrante, aglutinador e, às vezes, severo. Seu carisma de visionário fez de Porto Alegre um pólo da música erudita de repercussão nacional e extrafronteiras. Com ele, o

Coral da UFRGS participou dos principais espetáculos musicais levados a efeito em Porto Alegre na década de 60. Apresentou-se também nas inaugurações do Teatro Guaíra de Curitiba e do Auditório Araújo Vianna de Porto Alegre, bem como no Teatro Sodre de Montevidéu e no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Em 1977, Komlós sentiu-se mal durante um concerto em Torres (a foto acima registra a ocasião). Doente, entrou em coma no ano seguinte. É curioso que tenha partido no dia 26 de março de 1978, mesmo dia em que morreu seu ídolo Beethoven. O maestro deixou a vida terrena, mas não perdemos a raiz que plantou, o

carinho que a faz reverdecer até hoje e que continuará forte na geração de seus frutos.

A qualidade musical, sem dúvida, foi o diferencial que tornou o Coral da UFRGS um dos mais expressivos grupos brasileiros. Mas é verdade, que já começou em alto nível, interpretando um requintado repertório coral-sinfônico e tendo na regência um dos melhores profissionais da época. A partir de 1969, passou a dedicar-se à música *a capella*, apresentando-se excepcionalmente com orquestra. Esta mudança trouxe como principal característica a versatilidade musical do grupo. Recebeu diversos prêmios em nível regional, nacional e internacional, destacando-se o primeiro lugar no II Concurso Nacional de Coros MEC/Funarte/Rede Globo, em 1978 e o primeiro lugar no XIV Festival Internacional de Coros de Porto Alegre, em 1989. Participou de todos os Festivais de Coros de Porto Alegre, classificando-se sempre entre os dez melhores. Ao longo de sua existência, o Coral da UFRGS já realizou mais de mil apresentações, sendo um dos principais responsáveis pela divulgação da atividade artística da Universidade. Hoje, seus integrantes dão continuidade ao trabalho iniciado por Komlós, sempre buscando manter a qualidade de interpretação, alto nível técnico e continuando a divulgar obras dos melhores compositores da história musical.

Márcio Buzatto
Maestro do Coral da UFRGS

UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Paulo Gama, 110
Bairro Farroupilha, Porto Alegre – RS
CEP 90046-900
Fone: (51) 3308-7000
www.ufrgs.br

Reitor
José Carlos Ferraz Hennemann
Vice-reitor
Pedro Cezar Dutra Fonseca
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretária de Comunicação Social
Sandra de Deus

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fone: (51) 3308-3368

Conselho Editorial
Antônio Sanseverino, Artur Lopes, Dirce Maria Antunes Suertegaray, Edson Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Helen Beatriz Frota Rozados, Márcia Benetti Machado, Maria Henriqueta Luce Kruse

Editora-chefe
Ánia Chala
Reportagem
Caroline da Silva e Jacira Cabral da Silveira

Bolsista
Juliano Tatsch (Jornalismo)

Colaborou nesta edição
Marcelo Spalding
Projeto gráfico e diagramação
Juliano Bruni Pereira

Fotografia
Cadinho Andrade, Camila Ross e Flávio Dutra

Revisão
Ánia Chala e Caroline da Silva

Circulação
Arthur Bloise
Fotolitos e impressão
Gráfica da UFRGS

Tiragem
6 mil exemplares

e-mail: jornal@ufrgs.br



Ações afirmativas Comissão de acompanhamento inicia trabalhos

Instalada em dezembro, a Comissão de Acompanhamento dos Alunos do Programa de Ações Afirmativas da UFRGS está realizando uma série de encontros com o objetivo de apoiar os aprovados no último vestibular. Segundo o presidente da Comissão, professor Carlos Alexandre Netto, o trabalho começou já no período de matrículas e seguirá durante todo curso de graduação dos alunos-cotistas. “Durante o mês de janeiro, trabalhamos nas atividades relacionadas à matrícula, em especial a auto-

declaração, e na recepção aos que ingressaram pelo sistema de cotas. Teremos que conhecer melhor esses estudantes, saber das suas necessidades e trabalhar no sentido de tentar provê-las.”

O Pró-reitor de Graduação lembrou que esse tipo de demanda é inédito para a Universidade: “A UFRGS já conta com a estrutura da Secretaria de Assistência Estudantil, e a Comissão não criará novas instâncias administrativas, mas tentará articular as já existentes para que o acompanhamento

possa ser efetivo e leve ao cumprimento da política aprovada pelo Conselho Universitário.”

Um ponto positivo salientado pelo professor foi a concessão de 400 bolsas de assistência estudantil específicas para atender à política de cotas, obtidas graças à adesão da UFRGS ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni). “Temos aí um bom começo, mas além disso teremos um acompanhamento acadêmico feito pelas Comissões de Graduação de cada curso.”

Carlos Alexandre disse ainda que, do ponto de vista da instituição, não haverá identificação dos alunos admitidos pela reserva de vagas.

“Apenas iremos divulgar dados estatísticos. As Comissões de Graduação terão o conhecimento de quais os alunos que se inscreveram pela reserva de vagas e foram aprovados, tendo em vista que para esses estudantes existe a exigência de uma documentação diferenciada. É claro que os cotistas não ficarão invisíveis aos colegas e nem acho que precisem. Acho que temos

de trabalhar a partir da seguinte perspectiva: a política foi aprovada e esse é o ano da implantação. Então temos que cuidar para que ela seja posta em prática com eficiência. Claro que a partir do momento em que a Universidade detectar problemas de integração, teremos de agir sobre isso.”

Ele destacou que o grande desafio da UFRGS é fazer com que os alunos que ingressaram pela reserva de vagas façam seus cursos com toda a qualidade e atinjam a colação de grau.

MANOELA FRADE



Unipampa Professora da UFRGS nomeada reitora *pro tempore*

Em 29 de janeiro, foi empossada como reitora *pro tempore* da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) a professora Maria Beatriz Luce. Doutora em Educação (PhD) pela *Michigan State University*, Maria Beatriz é professora titular de Política e Administração da Educação e orientadora do Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS, além de diretora do Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados (Ilea).

Nos próximos três anos, a dirigente terá como prioridades a regularização e a unificação do calendário letivo da universidade e a instalação da reitoria em Bagé. A Unipampa terá dez campi nos municípios de Jaguarão, São Gabriel, Santana do Livramento, Uruguaiana, Alegrete, São Borja, Itaqui, Caçapava do Sul, Dom Pedrito, além da sede em Bagé.

Durante a cerimônia de posse, realizada no Conselho Nacional de Educação (CNE), em Brasília, do qual Maria Beatriz é membro e vice-presidente da Câmara de Educação Básica, a professora disse que a Unipampa será “uma instituição vibrante, forte, bem articulada, com um projeto acadêmico de alta qualidade e relevância social: que tenha sentido para a comunidade e proporcione uma formação valorizada em padrões internacionais”. Quanto a novos cursos, a prioridade neste ano é o envio de projetos de cursos de mestrado e cursos de tecnologia.

Além de Maria Beatriz, também tomou posse como vice-reitor da nova universidade federal o professor Norberto Hoppen, da Escola de Administração da UFRGS. O professor Gilberto Dias da Cunha, da Escola de Engenharia da UFRGS, irá assessorar a Unipampa na área de projetos pedagógicos.

Lançamento Livro traz panorama da arte gaúcha

Lançado no final do ano passado, *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul: Uma Panorâmica* (Lathu Sensu, 2007, 228 pág., R\$ 40) reúne artigos de oito professores e estudiosos do tema, trazendo um quadro abrangente da produção plástica gaúcha. Com organização do professor Paulo Gomes, o livro é voltado para o grande público e permite uma leitura de ponta-a-ponta. “Nossa intenção era que os textos servissem como ponto de partida para leituras mais aprofundadas, uma vez que existe grande carência na área.”

Segundo o organizador, a produção da obra partiu do trabalho de autores que já realizavam pesquisas sobre os períodos que se desejava destacar. Os textos compreendem desde a arte das Missões até a produção contemporânea. “A bibliografia da área de artes plásticas é de difícil acesso, uma vez que catálogos de exposições e livros de

artistas têm uma circulação complicada. A própria produção acadêmica fica restrita às bibliotecas das instituições.”

A professora do Instituto de Artes Ana Maria Albani de Carvalho, que escreveu o artigo sobre a produção artística em Porto Alegre nos anos 90, acredita que o livro contribuirá para preencher uma lacuna na formação de estudantes e pesquisadores. “Apesar de termos cursos de pós-graduação em Artes e História, em minha experiência docente observei muito desconhecimento sobre a história da arte regional. E isso está associado à falta de publicações e de investimentos mais sistemáticos e permanentes.”

À carência de bibliografia, Paulo acrescenta o fato dos museus não terem um projeto de acervo sistematizado, com exposições permanentes para que o público possa ter contato com as obras de nossos artistas. “A Pinacoteca

Casal de Guerreiros, de Xico Stockinger



do Instituto de Artes, que tem uma coleção excelente, não dispõe de espaço para expor a riqueza de seu acervo. No Margs, por uma política da própria instituição, o acervo é sempre preferido em detrimento de exposições temporárias, isto é, o museu funciona como uma galeria estatal. Tudo isso gera um desconhecimento muito grande da produção artística gaúcha.” Ana salienta ainda a dificuldade de manutenção das coleções públicas, especialmente no que diz respeito a instalações e outras formas de expressão artística comuns na atualidade: “Porto Alegre, não tem um museu voltado para a arte contemporânea. Assim, as obras ficam expostas por um período determinado e depois são esquecidas e se perdem.” Para os professores, esses problemas resultam da tendência a supervalorizar grandes eventos, deixando de lado projetos de divulgação e preservação da memória.

Prêmio Alunos da Universidade conquistam prêmio

Guilherme Liberali Neto, aluno do PPG em Administração; Rochele Paz Fonseca, do PPG em Psicologia; e Sandro Rudit Garcia, do PPG em Sociologia, venceram o Prêmio Capes de Tese. A distinção foi instituída pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do MEC com o objetivo de outorgar distinção às melhores teses de doutorado, considerando os quesitos originalidade e qualidade. Em 2007, foram inscritas 417 teses, envolvendo o total de 51 comissões e 207 consultores de diversas instituições de ensino superior do país.

Capes Professor da UFRGS nomeado conselheiro

Em janeiro, foram nomeados pelo Ministério da Educação os novos integrantes para o Conselho Superior da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). O professor e pesquisador do Instituto de Biociências da UFRGS Diogo Onofre Gomes de Souza é um dos conselheiros. O órgão tem entre suas funções a apreciação de critérios, prioridades e procedimentos para a concessão de bolsas de estudos e auxílios, além da análise do Plano Nacional de Pós-graduação.

Bolsas Pró-reitoria de Extensão lança edital

Até 20 de março, a Pró-reitoria de Extensão estará recebendo as solicitações para o seu programa de bolsas de extensão diretamente no Portal do Servidor. Poderão participar as ações aprovadas pelas instâncias competentes até o dia 14 de março e com duração mínima de três meses, considerando a vigência da bolsa. Informações no [site proext.ufrgs.br](http://site.proext.ufrgs.br).

CADINHO ANDRADE



Ciência & Tecnologia Docentes da Física em destaque

Dois professores vinculados ao Programa de Pós-graduação em Física da Universidade assumiram coordenações junto ao Ministério da Ciência e Tecnologia. Mario Norberto Baibich, cientista que colaborou na fase inicial do projeto ganhador do Nobel de Física em 2007 e entrevistado pelo JU na edição nº 103 (novembro), é o novo coordenador da área de Nanotecnologia da Secretaria de Políticas e Programas de Pesquisa e Desenvolvimento (Seped) do MCT. O professor Lívio Amaral coordenará a área de Materiais, recém-criada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), dentro da série de modificações introduzidas na tabela das áreas do conhecimento.

Centenário Observatório Astronômico

Em 24 de janeiro, a UFRGS comemorou os cem anos do Observatório Astronômico. O órgão, criado como Instituto Astronômico e Meteorológico, pertencia à Escola de Engenharia e tinha como funções fornecer a hora certa e instalar uma rede de estações meteorológicas no estado. Até os anos 60, o Observatório realizou trabalhos científicos, cálculo de eclipses e órbitas de cometas, observações de estrelas e planetas, além de publicar boletins. Em 1972, com a implantação do Departamento de Astronomia, passou a integrar o Instituto de Física. Atualmente, no seu prédio histórico, o Observatório tem a função de divulgar a Astronomia para o público geral e escolas.

Extensão Pré-vestibular Popular

De 17 a 19 de março, estarão abertas as inscrições para o extensivo do Curso Pré-Vestibular Popular. Em funcionamento desde 2000, o curso é um projeto de caráter sócio-educacional que tem por objetivo incrementar o ingresso da população de baixa renda na UFRGS. O corpo docente é constituído de licenciandos, mestrandos e doutorandos da Universidade.

As aulas iniciarão em 31 de março, no turno da noite. Os candidatos devem apresentar identidade, CPF, comprovante de residência, de renda pessoal e familiar, de conclusão do ensino médio em escola pública ou bolsa em escola privada (documentos originais). Inscrições na Rua dos Andradas, 691 - sala 11. Informações pelo [site ongeprevestibularpopular.blogspot.com](http://site.ongeprevestibularpopular.blogspot.com) ou através do telefone 3023-3929 (somente durante o período das inscrições).



O Carnaval e seu significado em nossa cultura

Esta época do ano é, tradicionalmente, marcada pela celebração da maior festa popular do país. É o momento em que todos fazem uma pausa na realidade e vestem diferentes fantasias: os foliões vivem a ilusão de uma outra vida e, mesmo quem não compartilha do espírito carnavalesco, suspende temporariamente as angústias do cotidiano. Para refletir sobre esse momento único em nossa cultura, convidamos o professor José Rivair Macedo, do Departamento de História, que resgata as origens da tradição; e Josiane Ulrich, doutoranda da Universidade de Amsterdam, que aponta o carnaval como porta para o entendimento da sociedade.



Uma festividade milenar

José Rivair Macedo*

As origens do carnaval perdem-se na noite dos tempos, e as tradições que as integram não têm unidade aparente. Seria temerário propor uma contribuição predominante, tal a multiplicidade de interferências culturais nesta festividade que equivocadamente pensamos ser “naturalmente” brasileira. Se a expressão carnaval veio a ser utilizada com maior frequência a partir do Renascimento europeu, os fenômenos a ela associados são muito anteriores.

Em seus primórdios, parece certa a influência dos rituais dedicados a Dioniso, na Grécia, e a Baco, em Roma. Daí o consumo desenfreado do vinho e a manifestação orgiástica da fertilidade. Das Saturnais romanas deve ter tirado a idéia de um tempo primordial, de uma Idade de Ouro marcada pela abundância e pela inversão da ordem social. Mas o carnaval europeu deve igualmente algo às festas célticas propiciatórias de Samhain, de 1º de novembro, que anunciavam a entrada do inverno e celebravam o encontro entre seres deste e do outro mundo (origem do atual *Halloween*), e de Imbolc, de 2 de fevereiro, em homenagem à deusa Brígida em comemoração à chegada da primavera, ambas caracterizadas pela comilança e pela bebedeira.

Na Europa medieval, outras contribuições foram agregadas às festas de inverno das calendas de dezembro e de janeiro, conhecidas em geral pelo nome de “Festas dos loucos”. Condenadas pela Igreja, elas subsistiam com a conivência do clero local. Constituíam um entreato

cômico entre as duas grandes festividades da cristandade – o Natal e a Páscoa. Entre elas estavam as festas de São Nicolau (06/12), Santo Estevão (26/12), São João Evangelista (27/12), a dos Santos Inocentes (28/12), a da Circuncisão (1º/1), a da Epifania (06/1) e principalmente a Festa do Asno (26/2). Todas antecediam a Quaresma, e eram marcadas pela descontração, comilança, bebedeira, danças e mascaradas mais ou menos promíscuas, e pela subversão temporária da ordem social (com a sátira aos membros da Igreja e demais poderes estabelecidos).

A vinculação com a Quaresma, período de moderação e continência sexual, parece fornecer a explicação mais plausível para o nome da festa, tal qual aparece nos documentos do fim da Idade Média (*Carnilivari*, *Carnelevarium*, *Carnevale*, *Carnal*, *Carnestolendas*). Enquanto alguns defendem a idéia de que a palavra *carnaval* proviria de *curris navalis*, isto é, o “carro naval” utilizado nos desfiles renascentistas, outros, com maior propriedade, entendem que ela derivaria da expressão latina *carne vale*, que significa literalmente “adeus à carne”, numa alusão ao costume cristão de interpor antes da Quaresma um curto período de liberação corporal.

No Brasil, até o século XIX subsistiram as manifestações do *entrudo* – festividade origi-

Da associação do carnaval ao samba nasceu a festa brasileira, ícone nacional

nária da Península Ibérica, conhecida na Espanha por *antruejo*. Ocorria pouco antes da Quaresma, e por ocasião do nascimento ou do casamento de membros da família real portuguesa. Caracterizava-se como um momento de expressão pública de alegria, com cortejos de rua, batuques, danças, e todos, inclusive os escravos, podiam usar máscaras, fantasias e brincar livremente.

Data da segunda metade do século XIX o aparecimento das sociedades carnavalescas em clubes privados, e uma certa elitização da festa. Condenadas como atividades imorais, as comemorações do *entrudo*, cada vez mais africanizadas, evoluíram para as formas do carnaval de rua. Na passagem do século XX, durante a chamada *belle époque*, os blocos carnavalescos, os ranchos e o *corso* (desfile de carros) encontravam-se bem integrados à paisagem das grandes cidades, sendo ritmados ao som de marchinhas, batuques, lundus.

Em meio urbano, as comemorações carnavalescas adaptaram-se aos ritmos locais: ao frevo e ao maracatu, em Pernambuco, e ao samba de roda na Bahia e no Rio de Janeiro. Nos anos 1930, nasciam as primeiras escolas de samba cariocas (entre as quais, *Portela*, *Mangueira*, *Estácio de Sá*, *Unidos da Tijuca*) e nos anos 1940, durante a ditadura do Estado Novo, por orientação do De-

partamento de Imprensa e Propaganda (DIP), os desfiles carnavalescos ganharam apoio governamental e incorporaram elementos patrióticos, ufanistas. Era o prelúdio de uma tendência cuja melhor ilustração está na consagrada e quase mitológica canção *Aquarela do Brasil* (1939), de Ary Barroso. Da associação do carnaval ao samba nasceu o fenômeno do “carnaval brasileiro” com suas cores e tons peculiares, e a festa ganhou o *status* de ícone nacional.

Para saber mais

José Ramos TINHORÃO. As festas no Brasil colonial. São Paulo: Editora 34, 2000.

Maria Isaura Pereira de QUEIROZ. Carnaval brasileiro: o vivido e o mito. São Paulo: Brasiliense, 1992.

Julio Caro BAROJA. Le carnaval. Paris: Gallimard, 1979.

Jacques HEERS. Festas de loucos e carnavais. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

Harvey COX. A festa dos foliões: um ensaio sobre a festividade e a fantasia. Petrópolis: Ed. Vozes, 1976.

Umberto ECO. Carnaval!. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

* Professor do Departamento de História do IFCH

Academia e cultura popular na passarela do samba

Josiane Abrunhosa S. Ulrich*

O carnaval é uma manifestação ímpar da cultura popular brasileira que nas malhas do tecido social ganhou corpo e forma no interior das cidades. Sua face compõe cenários de múltiplos significados culturais, que nos reportam à fantasia, à história, à memória, à vivência, à socialização, às fronteiras simbólicas e étnicas dos grupos e, sobretudo, à arte na sua dimensão existencial.

No período que antecede os dias de folia, evidenciamos através da escrita e das imagens reportagens sobre o carnaval, visto que a correria dos barracões sinaliza a emoção das infinitas cores que explodem nos corações de brasileiros que amam esta festa. Os jornais das cidades apresentam os preparativos, os sambas-enredo das escolas, as particularidades, músicos, cantores, dançarinos, reis e rainhas, carnavalescos novos e antigos. Enfim, uma infinidade de artistas e personalidades que ganham brilho e visibilidade.

O carnaval de Porto Alegre, este ano, através da Escola de Samba Bambas da Orgia, homenageia o Instituto de Artes da UFRGS. Além da justa homenagem que a escola de samba mais antiga da cidade faz à instituição de ensino que completa 100 anos, o universo acadêmico e popular são destacados.

Neste caso é a arte popular que reconhece o ensino e produção artística que percorre os caminhos da formação institucional. O título do samba-enredo é exemplar: “Faculdade de vida, trajetória de bamba. Instituto de Artes 100 anos: a universidade é do samba”.

Fonte eterna de inspiração, o carnaval brasileiro foi intensivamente fotografado e pintado por artistas nacionais e estrangeiros fazem-

Durante o carnaval, as diferenças étnicas, de classe social e gênero são dissolvidas

enfrentando os preconceitos dos eruditos que não acreditavam ser este um assunto nobre para ser estudado, em especial, por cientistas sociais na época. Entretanto, os diversos estudos de antropólogos, historiadores e sociólogos se firmaram no horizonte acadêmico, evidenciando os caminhos de entrada do carna-

val para a compreensão de inúmeros aspectos da sociedade brasileira. A arte sem dúvida apresenta o qualitativo de unificar dimensões que no cotidiano estão dispersas e separadas. Mas na passarela do samba é o momento ritual da existência de uma temporalidade especial que permite a subversão da ordem cotidiana; em que as diferenças étnicas, de classe social e gênero são temporariamente dissolvidas. Assim, a leitura simbólica do momento ritual da avenida não deixa de ser paradigmática e nem por isto menos bela e cruel; visto que parcelas significativas dos foliões que confeccionam as alegorias do carnaval e vivenciam o mesmo não ascendem aos bancos universitários. A letra do samba diz: “na avenida o mestre é Bambas da Orgia”.

val para a compreensão de inúmeros aspectos da sociedade brasileira.

A arte sem dúvida apresenta o qualitativo de unificar dimensões que no cotidiano estão dispersas e separadas. Mas na passarela do samba é o momento ritual da existência de uma temporalidade especial que permite a subversão da ordem cotidiana; em que as diferenças étnicas, de classe social e gênero são temporariamente dissolvidas. Assim, a leitura simbólica do momento ritual da avenida não deixa de ser paradigmática e nem por isto menos bela e cruel; visto que parcelas significativas dos foliões que confeccionam as alegorias do carnaval e vivenciam o mesmo não ascendem aos bancos universitários. A letra do samba diz: “na avenida o mestre é Bambas da Orgia”.

* Mestre em Antropologia Social pelo PPGAS - UFRGS e doutoranda pela Universidade de Amsterdam



Saúde pública Surto de febre amarela e dengue colocam epidemiologistas em alerta

Ânia Chala

Além de ser o período em que a maioria da população tira férias, o verão também se caracteriza pela ocorrência de determinadas epidemias. Em 2008, a situação complicou-se um pouco mais, pois além do já costumeiro surto de dengue, vivemos um outro problema mais sério: a febre amarela. No final de janeiro, o Centro Estadual de Vigilância em Saúde (CEVS), vinculado à Secretaria Estadual da Saúde, promoveu um encontro com setores de transporte e turismo a fim de traçar estratégias para as ações de prevenção contra a febre amarela. A prioridade é a vacinação das pessoas que estão se dirigindo às áreas de risco por motivos profissionais, pessoais ou por turismo.

Mas por que a saúde pública está às voltas com uma doença praticamente erradicada no século passado? Segundo Jair Ferreira, professor da Faculdade de Medicina da UFRGS, o mosquito transmissor da dengue, e também da febre amarela, o *Aedes aegypti*, foi se adaptando às áreas urbanas à medida que as cidades cresceram. “Ele era de área selvagem e, aos poucos, foi invadindo áreas urbanas. No início do século XX, ele instalou-se no Rio de Janeiro e tivemos a famosa campanha de Oswaldo Cruz para erradicá-lo.”

O professor, que ministra a disciplina de Introdução à Epidemiologia nos cursos de Medicina, Biomedicina e Nutrição, diz que a disseminação do *Aedes* depende muito da temperatura, porque não é um inseto de clima frio. “Como estamos num período de aquecimento, eles começaram a ocorrer em latitudes onde antes não eram encontrados. Abaixo de 20 e poucos graus, o mosquito tem dificuldade de se reproduzir. Mas, à medida que o clima aquece, crescem as chances de desenvolvermos focos de mosquito e conseqüentemente casos autóctones da doença.” Jair explica que o Rio Grande do Sul já tem “casos importados” de dengue e febre amarela, por conta da mobilidade que caracteriza a vida moderna. Mas ele acredita que, dentro de alguns anos, poderemos ter essas doenças na forma endêmica, isto é, a ocorrência de um mesmo número de casos todos os anos.

Formação médica – Conforme Jair, o fato de algumas doenças infecciosas terem sido bastante reduzidas torna mais difícil o seu ensino.



Agentes pulverizam locais que possam tornar-se criadouros do *Aedes aegypti*

Vigilância constante

“Se olharmos os dados de mortalidade, as doenças infecciosas tiveram uma queda impressionante ao longo do século passado. Quando me formei, em 1970, elas eram a terceira causa de morte no estado, só perdendo para as doenças cardiovasculares e as neoplasias malignas.”

Por conta disso, ele considera que na área da infectologia existe certa dificuldade de ensinar os estudantes de Medicina a diagnosticar doenças simples como o sarampo, porque hoje raramente os profissionais de saúde se deparam com algum caso. “Um exemplo: a hanseníase é pouco comum em nosso meio, mas ocorrem casos esparsos. Por isso, colegas com excelente formação se equivocam no diagnóstico. Eles pensam em neurite diabética ou neurite alcoólica e não pensam em hanseníase que é um vírus. Isso ocorre por que o ensino em nossa área segue sendo basicamente tutorial. Desde Hipócrates, não se descobriu um meio melhor de ensinar Medicina do que vendo alguém que sabe fazer, depois, fazendo com a supervisão de quem sabe, até tornar-se alguém que sabe fazer sem supervisão.”

Dengue – A bióloga do Programa Estadual de Controle da Dengue, Carmem Silvia Gomes, informa que, desde 1995, o Rio Grande do Sul passou a registrar a presença do *Aedes aegypti*. Atualmente, o mosquito é encontrado em 59 municípios do estado, a

maior parte na Região Noroeste, na fronteira com a Argentina, mas também há casos na capital e em alguns municípios da região Metropolitana.

Até 2006, o RS e Santa Catarina eram os únicos estados do Brasil que não registravam a circulação do vírus. No ano passado, em função de uma série de fatores, em especial a grande epidemia no Mato Grosso do Sul, nosso estado passou a ter a circulação viral nos municípios de Giruá e Três de Maio. “O surto foi controlado, e a partir de maio de 2007 não houve o registro de mais nenhum caso autóctone, mas o mosquito persiste. Uma vez que se tenha o *Aedes* voando, isso nos coloca numa situação de alerta. E no verão, época em que a população tende a aumentar, o risco de novos casos é maior”, diz a bióloga.

O controle da epidemia no noroeste do estado deu-se ao longo de todo o ano através de equipes de agentes que fizeram visitas casa a casa. Sempre que o provável foco não pode ser eliminado mecanicamente, foi utilizado o tratamento com produto químico. A Secretaria Estadual da Saúde forneceu suporte na parte de acompanhamento e supervisão e intensificou os cursos de capacitação para médicos, enfermeiros e para os técnicos das secretarias municipais e agentes de saúde. “Observamos que a população tem conhecimento sobre o que

é a dengue e como ela se dissemina, mas é difícil fazer com que as pessoas mudem determinados hábitos. Ainda vemos, por exemplo, em cemitérios, vasos em que as pessoas depositam água; ou os vasilhinhos de plantas, em que muitos colocam a água no prato e não sobre a planta.”

Diferentemente do pernilongo, o mosquito da dengue pica durante o dia. “A dengue não passa de pessoa para pessoa e, normalmente, inicia com uma febre muito alta (que aparece em todos os casos), seguida de dores de cabeça, dores musculares e nas articulações. Alguns também apresentam náuseas, vômitos e falta de apetite. Outros, têm pequenas manchas na pele, o que muitas vezes é confundido com rubéola ou sarampo”, enumera Carmem. Por isso, ela enfatiza a importância dos viajantes, ao se deslocarem para municípios onde há a ocorrência do *Aedes aegypti*, ficarem atentos se após 15 dias de sua chegada a esses locais apresentarem os sintomas. Também é fundamental o uso de um repelente indicado por um dermatologista, porque isso irá proteger do contato com o mosquito.

Febre amarela – Segundo o Centro Estadual de Vigilância em Saúde (CEVS), para quem não vai às zonas de risco a chance de contrair a doença é zero. Logo, não é necessária a vacina. Um acordo com o Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (Daer) e rodoviárias vai permitir que as pessoas que têm como destino as regiões de risco recebam informações sobre a vacina, bem como os trabalhadores de empresas de transporte de carga e de passageiros. Paralelamente a estas ações, também será adequada a capacidade de atendimento da vacinação nas áreas de risco e de fronteira.

Autoridades da área da saúde têm alertado sobre os riscos às pessoas que se vacinaram duas vezes, lembrando que pode haver efeitos colaterais. A vacina é aplicada em dose única e tem validade de dez anos. A recomendação é que seja aplicada 10 dias antes da viagem. Nas três primeiras semanas de janeiro, o Estado disponibilizou aos municípios cerca de 120 mil doses da vacina.

Devem vacinar-se contra a febre amarela os viajantes nacionais ou internacionais que se dirigem aos estados e municípios das regiões Norte e Centro-Oeste, para todos os municípios do Maranhão e Minas Gerais, para os municípios localizados ao sul do Piauí, oeste e sul da Bahia, norte do Espírito Santo, noroeste de São Paulo e oeste dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Campanhas têm efeito motivador, mas não resolvem problema

Na opinião do epidemiologista Jair Ferreira, é muito difícil que a campanha contra a dengue atinja um bom resultado, pois mudar hábitos é sempre complicado. “Cuidar dos vasos, do lixo no quintal e nos terrenos baldios parece algo muito distante para a maioria das pessoas. Toda doença que dependa de mudança de comportamento é de difícil controle.”

Numa área metropolitana como a de São Paulo, por exemplo, onde vivem quase 20 milhões de pessoas, é inimaginável fazer uma cobertura completa de todos os focos. Apesar disso, o professor acha que as

campanhas têm valor para motivar mudanças em longo prazo. “Essas doenças exigem um trabalho que precisa ser muito insistente e com profissionais que se dediquem de forma cotidiana e diuturna.”

No caso da febre amarela, que é bem mais grave do que a dengue, ele considera que as perspectivas são um pouco melhores porque existe vacina. “Quando se tem uma arma poderosa, como é o caso de uma vacina, vale a pena promover campanhas e programas verticais. Mas, quando o combate se dá em longo prazo, temos que ter bons programas horizontais em que os

agentes de saúde que estão em contato com as comunidades conversem, ensinem e insistam na disseminação de práticas preventivas para evitar novos surtos.”

O professor lembra que, há algumas décadas, havia epidemias de gastroenterite, que resultavam em um grande número de internações e uma altíssima mortalidade infantil nessa época do ano. Como o desenvolvimento da gastroenterite leva rapidamente à desidratação, os hospitais que atendiam à população mais carente ficavam cheios de crianças com esse problema. “Isso durou até a metade

dos anos 80, quando houve uma reversão desse quadro. Um marco nessa mudança foi a campanha criada pelo Ministério da Saúde em que o ator Lima Duarte ensinava o público a fazer o soro caseiro. A campanha veiculada em rádio, televisão e nos jornais foi uma das mais despojadas já feitas pelo governo e seu sucesso deu-se pela forma direta como as informações foram dadas. Ao lado disso, houve a melhoria econômica da população que reduziu a subnutrição verticalmente”, comenta.

Outros fatores que contribuíram para a redução da mortalidade foram a

melhoria das condições de higiene, nutrição e o grau de informação da população. Além disso, aumentou a população que dispõe de esgoto e de água tratada.

Jair destaca que outras doenças, antes comuns, hoje estão praticamente erradicadas. “A poliomielite, a varíola e o sarampo foram reduzidos a quase nada. Na minha infância, nos anos 50, havia um ano com e outro sem sarampo. Não havia vacina e cada surto atingia as crianças que estivessem suscetíveis. As mais desnutridas morriam, as bem nutridas, tinham a doença e curavam-se”, relembra.

DIVULGAÇÃO/SECRETARIA ESTADUAL DA SAÚDE

Especial

TEXTO CAROLINE DA SILVA



FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

A quem pertence a costa?

Litoral Impedimentos e polêmicas na demarcação da orla marítima do Rio Grande do Sul

BANHISTAS, PESCADORES, COMERCIANTES, SURFISTAS. NESTA ÉPOCA, TODOS ELES DISPUTAM UM LOCAL QUE NO RESTO DO ANO FICA SEM CONTROLE ALGUM. AS ÁREAS DELIMITADAS PELAS PLACAS QUE VEMOS AO CHEGAR NA PRAIA NO VERÃO SÃO RESULTADO DE UM ACORDO ACERTADO ENTRE OS PREFEITOS DOS MUNICÍPIOS DO LITORAL. NA VERDADE, A ZONA COSTEIRA DE TODO O PAÍS É PATRIMÔNIO NACIONAL E DEVE SER SUBMETIDA À GESTÃO FEDERAL. É O QUE ESPECIFICA O PARÁGRAFO 4º DO ARTIGO 225 DA CONSTITUIÇÃO: E “SUA UTILIZAÇÃO FAR-SE-Á, NA FORMA DA LEI, DENTRO DE CONDIÇÕES QUE ASSEGUREM A PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE, INCLUSIVE QUANTO AO USO DOS RECURSOS NATURAIS”.

EM FUNÇÃO DA CARTA MAGNA, CRIOU-SE UM CONFLITO DE INSTÂNCIAS SOBRE A REGULAÇÃO DA COSTA LITORÂNEA NO RIO GRANDE DO SUL. O LOCAL É DE RESPONSABILIDADE DO GOVERNO FEDERAL, NO ENTANTO, HÁ UMA LEI ESTADUAL (Nº 8676, DE 1988) QUE DIZ QUE OS MUNICÍPIOS DO ESTADO BANHADOS POR MAR, LAGOAS OU RIOS FICAM OBRIGADOS A DEMARCAR OS LOCAIS DESTINADOS À PESCA PROFISSIONAL OU AMADORA, AOS DESPORTOS DE DIFERENTE NATUREZA, À RECREAÇÃO E AO LAZER EM GERAL. OUTRA LEGISLAÇÃO (DE Nº 12.050/2003) DEFINE AS NORMAS DE SINALIZAÇÃO DESSES LOCAIS, TAREFA TAMBÉM DOS MUNICÍPIOS. E A FISCALIZAÇÃO E APREENSÃO DE MATERIAL DE PESCA IRREGULAR NESSAS ÁREAS É FUNÇÃO DA BRIGADA MILITAR, SEGUNDO O DECRETO ESTADUAL 42.868, DE 2004.

PARA TENTAR INTEGRAR ESSAS TRÊS INSTÂNCIAS: FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL FOI IMPLEMENTADO O PROJETO ORLA, INICIATIVA CONJUNTA DO INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS (IBAMA) E SECRETARIA DO PATRIMÔNIO DA UNIÃO (SPU). “HÁ UMA DISTÂNCIA MUITO GRANDE DA UNIÃO COM A COSTA, QUEM TEM QUE GERENCIAR É A COMUNIDADE LOCAL, OS ATORES SOCIAIS ENVOLVIDOS”, EXPLICA O PROFESSOR NELSON GRUBER, DIRETOR DO CENTRO DE ESTUDOS DE GEOLOGIA COSTEIRA E OCEÂNICA (CECO) DO INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS DA UFRGS.

O CECO FOI CHAMADO PARA INTEGRAR O PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO DOS GRUPOS NOS MUNICÍPIOS DO LITORAL. ALÉM DE ATUAR NO PROJETO ORLA, O CENTRO DA UNIVERSIDADE TAMBÉM PARTICIPA DE REUNIÕES E PESQUISAS SOBRE A DEMARCAÇÃO DAS ÁREAS DE PESCA E SURFE NO RIO GRANDE DO SUL. FOI ELABORADO UM ESTUDO OCEANOGRÁFICO DAS CORRENTES NO LITORAL, IDENTIFICANDO SUA VELOCIDADE E CARACTERÍSTICAS, BEM COMO A LOCALIZAÇÃO DE BURACOS. O VICE-PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO GAÚCHA DE SURF, NELSON GUARDA JR., DESTACA A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA UFRGS, ATRAVÉS DO CECO, NA LUTA PELO USO CONSCIENTE DA ZONA COSTEIRA: “É MARAVILHOSO SABER QUE EXISTEM PESSOAS QUE PODEM NOS AJUDAR A ENTENDER COMO FUNCIONA A NOSSA NATUREZA PARA PODER USUFRUIR DELA DE FORMA CORRETA, SEM CAUSAR DANOS PARA NINGUÉM”.

Panorama Conflito de instâncias e falta de informação

CIDREIRA – A Prefeitura comunica que toda irregularidade em relação à área de prática de surfe deve ser informada à Brigada Militar, a quem cabe a responsabilidade de fazer cumprir a proibição da pesca.

TRAMANDAÍ – A Secretaria Municipal de Pesca e Agricultura de Tramandaí não quis fornecer informações à reportagem, alegando que o órgão responsável era o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. O Ibama, por sua vez, entende que só competem ao órgão questões ambientais: “Não podemos designar uma área para surfe, que é um esporte. A única área que poderíamos querer delimitar, em contraponto, seria de preservação de peixes”, ironiza o chefe do escritório do Litoral Norte, Kuriakin Humberto Toscan.

O município de Tramandaí não demarca áreas, porque foi acionado judicialmente pela família de um surfista que morreu nos seus limites. Apesar do Tribunal de Justiça ter eximido a prefeitura de qualquer responsabilidade, em função da orla marítima ser área federal, a partir deste incidente, o Poder Executivo da cidade deixou de sinalizar áreas de banho,

pesca e esportes em sua costa. “Não podemos colocar placas!”, afirma categoricamente o secretário de Meio Ambiente, Renildo Fonseca. Ele se baseia na designação dos desembarcadores gaúchos que conferem a responsabilidade deste local à União.

No entanto, Kuriakin afirma que o Plano de Gerenciamento Costeiro, quanto ao uso da orla marítima, delega sim algumas funções às prefeituras e diz que elas seriam as mais indicadas para demarcar esses locais. Ele diz que não conhece nenhum local em que os pescadores possam entrar no mar com seus barcos para realizar a sua prática em Tramandaí. “Mas veja: já estamos falando em embarcação mar adentro, não seria mais nem atribuição da prefeitura, nem do Ibama”. O chefe do escritório do órgão no Litoral Norte lamenta a situação de impasse: “Gostaria de ver esse problema solucionado, mas infelizmente isso não ocorre. Já tivemos muitas mortes em nosso litoral...”.

Fonseca explica que nos balneários de Tramandaí os veranistas já conhecem as tradicionais áreas de banho, no entorno da plataforma, por exemplo, uma vez que a pesca é proibida na desembocadura da barra do rio de mesmo nome da cidade. O se-

cretário diz que a prefeitura tem a função de orientar os turistas e distribui informativos aos veranistas quanto aos melhores locais para banho.

O comandante do 1º Pelotão Ambiental de Tramandaí (Patram), tenente Claudiomir da Silva Pedro, relata o mesmo fato explicitado pelos representantes do Ibama e do município. Ele diz que não é tarefa da Patram fiscalizar essas áreas, uma vez que os espaços não estão demarcados. Segundo o tenente, quem orienta os banhistas e esportistas na beira da praia são os salva-vidas, entendendo que o espaço onde se localizam as casinhas de salva-vidas é destinado a essas práticas. A sua função, explica o comandante, é fiscalizar os pescadores profissionais, seu registro e equipamentos, a fim de evitar a pesca predatória.

IMBÉ – A assessoria de imprensa da prefeitura do município afirma que surfistas e pescadores convivem de forma pacífica em Imbé. Na primeira semana de janeiro, a Secretaria Municipal de Planejamento colocou novas placas de sinalização na beira da praia indicando os locais destinados ao surfe e à pesca. O secretário de Planejamento, José Augusto Henkin,

esclarece que, apesar da designação que a União deveria ser responsável pela orla marítima, através do Ibama, se preocupou em demarcar as áreas para o melhor convívio: “Discutimos bem com os pescadores e surfistas e tomamos essa medida para evitar acidentes”.

A presidente da Associação de Pescadores de Imbé, Nilza Helena Vieira, confirmou que a sinalização havia sido feita e afirmou que a prefeitura havia retirado os cabos e também as bóias que prendem as redes dentro do mar. Sua reclamação é que quando a pesca voltar a ser permitida, em março, os pescadores têm um custo de cerca de R\$ 100 com a estrutura de ferro a ser recolocada na água.

O último acidente com morte ocorrido no estado foi na praia de Mariluz, município de Imbé, e o surfista morreu em função da bóia, uma vez que era época de temporada e não havia cabos de rede. Henkin confirma que essas estruturas também precisam ser retiradas nesse período, mas não credita essa ação à prefeitura: “Não acredito que a prefeitura tenha feito isso, porque a ordem teria de partir da minha secretaria e eu desconheço que a prefeitura tenha retirado as redes das praias”.

Em Imbé foram delimitadas três áreas de surfe. A primeira, na parte central do município, tem cerca de 1.521m de extensão. A segunda vai de Balneário Nordeste até Mariluz, medindo 1.150m. Por fim, a área das praias de Albatroz até Mariluz, com 621m. Outra iniciativa do município para que surfistas não avancem para espaços de pesca em função das correntes foi estipular áreas neutras entre as demarcações de 150 a 300m. Quanto ao impasse do que seria tarefa do município nessa questão, o secretário de Planejamento se posiciona: “Não podemos ficar no limbo”.

CAPÃO DA CANOA/XANGRI-LÁ – Segundo o tenente Juarez Sebastião Nunes, do Pelotão Ambiental de Xangri-lá, não foram encontradas redes de pesca na extensão de sua alçada, os balneários de Xangri-lá e Capão da Canoa, entre o fim de dezembro e início de janeiro. “Este ano não tivemos problema”, conta o militar, afirmando que a função da Brigada é fiscalizar se o município cumpre a demarcação das áreas. Se alguma irregularidade for detectada, é o Ministério Público que deve cobrar do poder local, no entendimento do tenente Nunes.

Histórias de pescador e surfista



FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

DESDE 1983, 45 SURFISTAS FORAM “pescados” no litoral gaúcho. Esse tipo de morte dos praticantes do surfe afogados por ficarem presos à rede de pesca só ocorre no Rio Grande do Sul. “Não somos conhecedores de outro registro em lugar algum”, completa o vice-presidente da Federação Gaúcha de Surf (FGS), Nelson Guarda Júnior.

De 15 de dezembro a 15 de março, só é permitida a pesca amadora na zona costeira, sendo proibida a pesca com rede na beira da praia. Além de certas regras não serem respeitadas no verão, os surfistas reivindicam que a demarcação valha para o ano todo. Segundo Virgílio Matos, diretor do conselho da FGS, as zonas demarcadas para surfe são insuficientes em área, uma vez que as correntes chegam a 4m/s de velocidade, levando rapidamente os surfistas para além dos limites destinados a eles. “Nós queremos áreas livres, de escape, em que não saíamos da nossa demarcação por causa das correntes e nos deparemos com um cabo de rede. Mas o pescador quer ter a rede na frente de sua casa, fora os que se encontram em situação ilegal.”

Os pescadores se mostram revoltados com a imprecisão sobre que órgão regulamenta o seu local de trabalho. Os moradores dos municípios da região entendem que no verão as áreas precisam ser destinadas aos veranistas, sendo que esse período é fundamental para a sua subsistência. Os integrantes da Associação de Pescadores da Zona Sul (Aspesul) de Tramandaí, Luiz Fernando Damasceno Ribeiro e Luís Carlos da Silva Marques, reclamam da intimidação da Patram e da falta de apoio do Ibama. Como hoje o município não tem áreas sinalizadas, eles somente reivindicam uma área em que possam entrar e sair com seus barcos, o que não existe no momento. Armim Ronnau, presidente da Aspesul, conta que no ano passado, diante da omissão da prefeitura, chegou a confeccionar postes com placas de sinalização para diminuir os problemas, mas a Secretaria Municipal de Pesca e Agricultura vetou sua colocação na areia.

Tentando ficar longe dos acidentes, Federico e Jefferson, estudantes

O pescador de Tramandaí, Luiz F. Ribeiro, diz que a restrição às áreas de pesca prejudica o comércio durante o veraneio

de Biologia Marinha da UFRGS, residentes da região durante a baixa temporada, procuram surfar somente nas áreas indicadas. “Pego onda sempre na área de surfe, mesmo tendo que entrar e sair da água várias vezes, por causa das correntes”, relata Jefferson Bortolotto, 19 anos, que tem casa em Capão da Canoa. Federico Sucúnza, 21 anos, já teve um incidente com cabo de rede pegando onda. Ele e mais quatro amigos surfavam em Pinhal há alguns anos num dia de corrente forte, quando um deles se chocou com um cabo de rede. Felizmente, o garoto conseguiu soltar o *leash* (corda que liga a perna do surfista à prancha) e não ficou preso ao artefato. Segundo Nelson Guarda, é muito difícil manter a calma nessas horas e tomar uma atitude correta. “O problema é quando a rede prende o nosso próprio corpo, aí não adianta nada; a única solução é ter um objeto cortante para tentar soltá-la; só que ninguém surfa com canivete”, complementa o vice-presidente da entidade do esporte.



JOÃO PAULO CAUDURO FILHO

Verão
Águas-vivas também preferem o mar quente

A mãe-d'água mais comum no RS (*Lychnorhiza lucerna*) pertence à mesma classe zoológica da medusa acima, encontrada no litoral carioca

No início da temporada de verão, ainda em dezembro de 2007, chamou a atenção dos frequentadores do litoral a grande quantidade de mães-d'água. Centenas de pessoas foram atendidas nos postos de saúde gaúchos com queimaduras, sendo os surfistas um dos grupos que mais sofreram acidentes. Nelson Guarda Júnior, vice-presidente da Federação Gaúcha de Surfe, conta que muitos entraram na água e não conseguiram pegar onda: “Tive amigos meus com queimaduras no rosto, inclusive”. Ele diz que, mesmo com o calor e a água quente, usa uma camisa de lycra de manga comprida: “As queimaduras que tive foram nas pernas, que não estavam cobertas, porque surfei de bermuda”.

“O que eu notei nesse fenômeno é que não estão sendo encontradas as águas-vivas inteiras, mais fáceis de enxergar na água. Os tentáculos que queimam a gente parecem estar soltos na água”, diz o surfista. Nelson Guarda esclarece que os casos comuns como ardência em braços e pernas saram em um ou dois dias. Mas os esportistas também sofrem queimaduras em áreas mais sensíveis e de pouco contato com o sol, como as axilas, que provocam febre e dores de cabeça. “Nesses casos, aconselhamos os colegas a procurarem o hospital, para serem medicados e ficar em repouso até se recuperarem; pomadas para queimaduras também são usadas.”

Para saber mais sobre esse animal danoso aos amantes do mar, o Jornal da Universidade conversou com Carla Penna Ozório, diretora do Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos da UFRGS (Cecimar). A bióloga e professora do Departamento de Zoologia, do Instituto de Biociências, desenvolveu, em 2002 e 2003, um projeto de pesquisa que monitorou a ocorrência de águas-vivas num trecho do litoral norte. “Percebemos que as espécies que causam mais acidentes aumentam no verão, como a caravela e a medusa do gênero *Olinthias*”, menciona Carla.

JU – Trata-se de um fenômeno natural ou a população de águas-vivas aumentou?

Carla – As águas-vivas surgem todos os verões, em função das correntes oceânicas. Dois fatores contribuem para isso: primeiro, a presença desses animais, que de fato são mais abundantes nessa época; segundo, o grande número de banhistas que utilizam o mar em várias atividades recreativas. Por que em Florianópolis há mais acidentes do que aqui? Muito provavelmente porque lá existe um número maior de pessoas tomando banho de mar! Para comprovar um aumento significativo da população teríamos de ter um estudo de longa duração que incluísse o monitoramento de vários verões.

JU – O que é uma água-viva? Todas as espécies provocam queimaduras?

Carla – Águas-vivas são invertebrados gelatinosos, em geral transparentes, que vivem na coluna da água, ao sabor das correntes. Pertencem ao filo Cnidária, o mesmo dos corais e anêmonas. A grande maioria são indivíduos medusóides, possuindo um aspecto de guarda-chuva ou sino. A caravela não é uma medusa, mas sim uma colônia, na qual vários indivíduos permanecem associados. Todas elas apresentam uma certa toxina. Algumas espécies possuem uma toxina que pode causar grande dano ao homem, outras nem tanto. Com a *Lychnorhiza lucerna*, por exemplo, espécie muito comum em nosso litoral, encontrada durante todo o ano, não há registro de acidentes.

JU – A função da toxina é de defesa?

Carla – Defesa e alimentação. Em geral, esses animais são carnívoros e os tentáculos funcionam como armadilha. Fala-se em ataque das mães-d'água, mas, na verdade, elas não atacam, pelo contrário, se pudessem, evitariam o contato conosco. Entretanto, como o seu potencial de natação é limitado, não conseguem desviar dos obstáculos. O que acontece é o choque da água-viva com o banhista. Como os tentáculos são numerosos e longos, a superfície de contato entre os dois pode ser grande.

JU – Ela pode se regenerar ao se romper ou perder tentáculos?

Carla – Ela não pode se regenerar, sendo bastante sensível e delicada. Pode perder tentáculos, sim, mas geralmente com parte do corpo rompido, ela não tem como se restabelecer. Mas cuidado! Na areia, a mãe-d'água ainda continua com potencial de realizar queimaduras.

JU – Qual o procedimento recomendado após se chocar com uma água-viva no mar?

Carla – Primeiro, deve ser feita a retirada dos tentáculos com o auxílio de algum objeto para evitar novas queimaduras. Depois, lavar a área da lesão com água do mar. Nunca usar água doce, pois a diferença osmótica faz abrir as cápsulas que porventura estão presentes, mas ainda inativas. Em alguns casos, compressas com solução de vinagre a 5% são recomendadas, mas o melhor é buscar atendimento médico.

Professor Rosito “O surfista é um peão de estância”

Júlia Rosito, 21 anos, foi vítima de um cabo de rede em Cidreira, no dia 21 de maio de 2005. Seu pai, o professor Aldo Antonello Rosito, da Coordenadoria de Educação Básica e Profissional da UFRGS, conta que sua filha vivia intensamente, era cheia de planos, gostava de esportes e sempre surfou: em Cidreira, onde tinha casa; em Torres, balneário do namorado; ou em Santa Catarina. Na opinião do professor, o desafio do surfista é domar a onda, assim como o do peão é um cavalo chucro.

“Dizia: ‘Júlia, fica atenta!’. ‘Pode deixar, pai’. A perda de um filho é algo que jamais se espera, mas acontece. Buscamos forças no sentido de nos

juntar aos surfistas, à Federação Gaúcha de Surf, para evitar novas mortes tolas, estúpidas. É um absurdo que tragédias como esta aconteçam por falha do Estado, em nível municipal, estadual e federal, que não regula isso. O pescador atua por ignorância e imprudência, deixando parte de seu material de trabalho à deriva no mar durante 10 meses, como se aquilo fosse propriedade dele, e é público.

Acho que a Brigada Militar poderia ser mais eficiente na identificação e apreensão dos equipamentos que ficam à deriva no mar. Segundo a ocorrência policial, o cabo que vitimou a Júlia pertencia a um determinado pescador, mas quem explorava era outro!

Existem, até onde sei, duas ações na Justiça. A da família de um rapaz que faleceu em Nova Tramandaí, sendo que a decisão judicial não responsabilizou a prefeitura. Por outro lado, recentemente, um advogado ajuizou ação contra o município de Cidreira, que foi condenado a indenizar a família de outro surfista. Acho que a prefeitura é completamente omissa e tem que arcar com as consequências. Sou favorável a esse tipo de ação. Fomos falar com o prefeito e o representante dos pescadores de lá, foi uma lástima! A indenização não vai substituir uma vida, jamais, para isso não há valor... Mas eles têm de pagar pelas suas omissões e inclusive pela má-fé.”



Trabalhando na praia

Ceclimar

Centro da UFRGS oferece série de atividades durante a temporada de verão

Caroline da Silva

A vista da janela não poderia ser melhor: Laguna de Tramandaí. Em meio à natureza é que se encontra o Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos do Instituto de Biociências da UFRGS. Desde 2006, o Ceclimar também abriga o curso de graduação em Ciências Biológicas com ênfase em Biologia Marinha e Costeira ou em Gestão Ambiental, fruto de uma parceria com a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Atividades para seus estudantes não faltam: são diversas ações de ensino, pesquisa e extensão.

O órgão caracteriza-se pelo grande número de institutos e instituições parceiras. Além das prefeituras municipais, do Pelotão Ambiental da Brigada Militar (Patram) e da UERGS, Instituto de Geociências, Colégio de Aplicação e Faculdade de Veterinária mantêm projetos conjuntos com o Ceclimar: “Acho muito importante esse relacionamento com outras unidades, em especial, o apoio da Faculdade de Veterinária”, esclarece a diretora do Centro, Carla Penna Ozório. Ela, que nos últimos dois anos foi vice-diretora de Norma Würdig, iniciou sua gestão em janeiro deste ano. As professoras explicam que o órgão não dispõe de um veterinário em seu quadro, que fique permanentemente por lá para qualquer eventualidade. Quando algum animal precisa de atendimento, os profissionais que vão até o Ceclimar são do Hospital de Clínicas Veterinárias da Universidade.

Pingüins e lobos-marinhos encontrados na praia geralmente precisam dos cuidados de um veterinário. O Centro de Reabilitação de Fauna Marinha e Silvestre (Ceram) do Ceclimar recebe esses animais, que são trazidos pela patrulha da Brigada. O procedimento correto para quem se depara com algum deles na beira do mar é chamar a Patram, que saberá tomar as devidas providências. A diretora conta que, no verão, a ocorrência mais comum são aves machucadas.

Extensão – “Uma ação educativa que considero relevante é o nosso Museu



Keila Costa durante oficina no Ceclimar sob os olhos atentos de Juan (centro). Abaixo, Ananda Borges alimenta o leão-marinho Gordo

de Ciências Naturais, que fica aberto o ano inteiro”, comenta a professora Carla. Além dos animais vivos nos aquários do Museu, o visitante tem acesso ao acervo do minizoológico do Ceclimar. No período de alta temporada, há também uma programação especial. “As atividades de verão ocorrem há 29 anos”, conta Norma Würdig, salientando que os formatos mudaram, mas o tema continua o mesmo: a fauna da região.

Projeto Parceiros – Em função do grande número de ações que o Ceclimar realiza, foi criado o projeto Parceiros, visando incentivar a participação da comunidade nas atividades. “Os recursos que temos algumas vezes são insuficientes para manter a estrutura do Centro, especialmente no que diz respeito à manutenção dos animais”, explica a diretora Carla Ozório. Como exemplo de parceiro, ela cita um supermercado da região que fornece frutas não-consumidas, mas em bom estado, para a alimentação dos bichinhos. As doações podem ser feitas de três formas: através de depósito bancário, bens ou serviços. Os colaboradores do Ceclimar recebem um adesivo e passam a compor a lista de parceiros, que é divulgada na página eletrônica do Centro. Junto da lista, as pessoas físicas e jurídicas podem publicar sua fotografia ou logomarca.

A grande atração



“Todo mundo se encanta com o Gordo, ele tem um apelo bastante grande”, diz a diretora do Centro, Carla Ozório. Gordo é uma estrela de 250kg e 2,5m. Diariamente, são necessários 16kg de peixe para manter essa forma. Ele é alimentado duas vezes ao dia: no final da manhã e às 17h, ponto alto do horário de visitação, das 15h às 18h. A bolsista Ananda Beltran Borges, estudante do curso de Biologia Marinha e responsável pela alimentação do leão-marinho, conta que, no ano passado, o animal perdeu peso: emagreceu cerca de 100kg, em função do estresse pelo grande número de visitantes. Desde 2003, ele reside no Ceclimar, mais precisamente numa piscina do Centro de Reabilitação de Fauna Marinha e Silvestre (Ceram).

O Centro se tornou endereço fixo do grande mamífero por que Gordo não tem mais condições de voltar a seu habitat natural. Foram realizadas três tentativas de reintrodução do leão-marinho em seu

ambiente de origem, mas ele retornou em todas elas. A primeira aconteceu apenas duas semanas depois de sua chegada no Ceclimar pelas mãos da Patram de Tramandaí, que o recolheu no balneário de Jardim Atlântico. No dia seguinte, Gordo estava de volta à praia. Na última incursão, após um mês no mar, ele voltou ferido e com sérias dificuldades para enxergar. Ananda explica que depois de recuperado o animal precisa retornar ao seu ambiente imediatamente: “O tempo aqui deve ser curto. Eles são muito fáceis de domesticar, temos que cuidar até a maneira como falamos com eles”. Outra precaução dos integrantes do Ceram é fazer os animais marinhos se exercitarem na piscina para não perderem o condicionamento físico. A acadêmica de Biologia diz que a área destinada ao leão-marinho deve ser ampliada: “Se o Gordo não pode mais voltar para o mar, queremos que ele viva até os 20 anos da melhor forma possível”.

Tartarugas, crianças e meio ambiente

Dezesseis crianças esperavam ansiosas ao redor da grande mesa de madeira embaixo das árvores na área externa do Ceclimar. A grande maioria fazia parte de um grupo do Centro de Apoio Pedagógico (CAP II), de Imbé. Rapidamente, elas receberam folhas, uma grande quantidade de canetinhas e lápis de cor e, por fim, os aquários. Dentro destes, as tartaruguinhas que a bolsista Keila Costa buscou no Museu de Ciências Naturais da unidade. Keila, estudante de Biologia e remunerada pela prefeitura de Imbé, explicou que a oficina iria começar sem o jabuti, que estava atrasado.

A atividade recreativa intitulada “Brincando e Criando com o Meio Ambiente” do dia 8 de janeiro iniciou com informações sobre as pequenas tartarugas trazidas do Museu: “Quem quer pegar a tartaruga?”. Todos levantaram o dedo. E a tartaruga-tigre começou a passear pelas mãos das crianças que riam com as cócegas provocadas pelas unhas das patas do animal do tamanho de um palmo. Foi quando outra aluna do Ceclimar chegou com o jabuti e o susto foi geral, ele era quase 10 vezes maior que os outros animais que estavam sendo mostrados. Juan, 5 anos, deu um pulo para trás: “Não quero mais pegar tartaruga nenhuma!”.

Enquanto isso, Maria Eduarda, também de 5 anos, desenhava tranqüila a tartaruga que tinha acabado de ver de perto. Acompanhada pela mãe, a menina já é veterana na programação de verão do Ceclimar. Residente em Canoas e em férias no litoral, foi a segunda vez que Fernanda Ferrari levou a filha até o local: “Ano passado, viemos visitar. Hoje, vi no jornal que haveria esta atividade e trouxe a Duda para se distrair”. Sem tirar os olhos do desenho, a menina confirmou com a cabeça que já conhecia o leão-marinho e que lembrava do Gordo: “Ele é bonito e enorme!”.

Programação de fevereiro

Até o final deste mês, o Ceclimar oferece oficinas (inscrições no local a R\$ 5), atividades recreativas e sessões de filmes para crianças e jovens. A programação acontece na sede do Centro (Av. Tramandaí, 976 - Imbé). Entre os destaques da programação estão as oficinas “Criando e brincando com o meio ambiente”, prevista para o dia 19; e “Ceclimar vai à praia”, no dia 22. De terças a domingos, o público também pode conhecer o acervo do Museu de Ciências Naturais, aberto para visitação das 15h às 19h. Informações pelo telefone: (51) 3627-1309.

PATRAM
Tramandaí: (51) 3661-4620
Torres: (51) 3664-1856
Osório: (51) 3601-1726

Cooperação pelo desenvolvimento

Parceria além-mar
UFRGS participa da implantação da Universidade Nacional de Cabo Verde criando cursos de pós-graduação

Jacira Cabral da Silveira

*Quem sou eu?
Um filho de São Vicente.
Nascido, criado, lá na
Ponta da Praia.
Lá onde o mar se espreguiça
debaixo dos botes,
Como a barra dum saia.
O que eu quero?
Cantar a minha terra!*

A poesia crioula de Sérgio Frusoni ilustra não só a resistência do idioma falado pela quase totalidade da população de Cabo Verde, onde o português é a língua oficial, como também o sentimento de profundo amor à terra: “Muitos dizem que a diáspora é a décima primeira ilha de Cabo Verde. E também tem sido um dos veículos de divulgação da nossa pequenina nação”.

O comentário é de Cláudia Rodrigues, socióloga e presidente do Instituto Cabo-verdiano para a Igualdade e Equidade de Gênero. Desde março de 2007, ela é aluna do curso de pós-graduação em Sociologia, criado em parceria entre a UFRGS e a Universidade Nacional de Cabo Verde (Uni-CV). Segundo a mestrand, a emigração faz parte da história de seu país e o papel dos imigrantes – não só dos EUA, como também da Europa e de alguns países africanos (Senegal e Angola) – tem sido crucial, “pois é um dos pilares de sustentação econômica de Cabo Verde”.

Para o antropólogo cabo-verdiano e professor do Programa de Pós-graduação em Sociologia, José Carlos dos Anjos, a poesia de Frusoni expressa um sentimento comum entre seu povo que, mesmo amando a terra, escolhe partir. “Parece vocação, algo que se impõe.” Assim ocorreu com ele na década de 80, quando veio para o Brasil cursar Ciências Sociais na UFRGS. Até hoje, passa as férias de final de ano em sua terra natal, mas as visitas se intensificaram quando foi convidado a integrar o projeto de criação do curso de mestrado em Sociologia Uni-CV e UFRGS.

Segundo José Carlos, há muito tempo o Brasil é referência para os cabo-verdianos, por causa do idioma



Novos cursos fazem parte do projeto de reestruturação do país

FOTOS: BENNY TURKENCZ

e das semelhanças na formação dos dois países. Ele comenta que, na década de 50, quando Gilberto Freyre visitou as ilhas, suas discussões sobre identidade e trocas culturais tiveram grande repercussão junto a elite cultural do país. Na opinião do professor, tais aproximações levaram o governo de Cabo Verde a convidar o Brasil como parceiro na reestruturação do sistema de ensino, através da implantação de cursos de pós-graduação na recentemente criada Universidade Nacional.

Um dos objetivos da implantação da Universidade é o desenvolvimento de um pólo de formação superior para suprir as necessidades do continente africano. Cláudia considera a idéia ambiciosa, mas factível: “Temos potencialidade para atingir essa meta, pois já desempenhamos esse papel através de pólos de capacitação, principalmente na área da administração pública com participantes de vários países africanos”. Ela observa que Cabo Verde tem sido visitado por técnicos e dirigentes de Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Angola com o objetivo de estudar a democracia cabo-verdiana.

Programas pioneiros – A primeira etapa da parceria entre as duas universidades corresponde à criação de

três cursos de pós-graduação: Sociologia, Engenharia Civil e Ordenamento e Desenho do Território. Esse último, inédito e ainda sem equivalente nem mesmo na UFRGS, foi especialmente montado com base no formato idealizado pelo governo de Cabo Verde. Tendo iniciado em outubro de 2007, o curso de Ordenamento é multidisciplinar e envolve professores de Engenharia, do Instituto de Pesquisas Hidráulicas, da Ecologia, da Arquitetura e de Geociências.

O curso de pós-graduação em Sociologia, instalado em março do ano passado, foi o primeiro a ser oferecido e deve se estender por dois anos, assim como os demais cursos. José Carlos dos Anjos diz que dos 30 selecionados permanecem no curso 25, em sua maioria funcionários de órgãos oficiais. Ele participou desde o início das negociações, representando a UFRGS nas reuniões na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). A UnB e as universidades federais do Ceará e do Rio de Janeiro, também integram a parceria com Cabo Verde.

“Os cabo-verdianos sabem exatamente o que querem. O desafio para nós será atender suas demandas de forma qualificada. Estes três primeiros programas podem representar o

divisor de águas na relação entre os dois países.” A avaliação é do professor Fernando Schnaid, coordenador do Programa de Pós-graduação em Engenharia Civil da UFRGS e responsável pela criação e implantação da pós-graduação dessa área na Uni-CV. Para ele, há também o desafio geográfico: “A nova experiência exige mudança na cultura do curso, pois prevê também o ensino a distância, condicionando uma prática pedagógica mista”. Para tal, já foi realizado convênio com o Centro Nacional de Supercomputação (Cesup).

A pós-graduação em Engenharia Civil começará em março deste ano, quando já terão sido selecionados 30 alunos. De acordo com Fernando, o processo de seleção será realizado a distância, tendo como público-alvo o setor governamental e privado, este último carente de profissionais nas áreas de engenharia civil e de ordenação urbana. O primeiro ano do curso será destinado à oferta de disciplinas e aquisição de créditos. Nos dois últimos semestres, os mestrandos desenvolverão seus projetos de pesquisa juntamente com seus orientadores, basicamente por meio virtual.

Cerca de 25 integrantes do PPG em Engenharia Civil da UFRGS participarão do curso em Cabo Verde. Serão ao todo 14 disciplinas e cada professor permanecerá no país por, no mínimo, duas semanas. Com relação à Uni-CV, o engenheiro lembra que a nova Universidade deverá oferecer uma estrutura com laboratórios qualificados, sistema computacional adequado e disponibilidade da bibliografia necessária para apoiar o trabalho desenvolvido pelo corpo docente brasileiro. “Vamos ter que trabalhar no sentido de prover essas necessidades para os alunos que estarão fazendo sua formação em Cabo Verde.”

Desde a primeira vez em que esteve no arquipélago, Fernando diz ter se surpreendido com a qualidade de vida do país, o que o leva a considerar Cabo Verde um lugar ideal para a implantação de um excelente centro

de formação de nível superior. “É um país estável, socialmente bem qualificado e uma das maiores democracias da África negra. Essa combinação de situação política e social estável faz de Cabo Verde uma nação muito atrativa para que se crie uma grande universidade, onde haja fluxo de profissionais de toda a África.”

Avaliação – Conforme o professor Fernando, a criação da Uni-CV está inserida em um projeto econômico e político muito bem estruturado no turismo, na cabotagem e na área educacional. “São os três grandes movimentos para organizar o país.” Por outro lado, ele comenta que, por se tratar de um arquipélago, a formação da universidade deverá ter características bastante particulares para atender às diversidades.

Na avaliação da cabo-verdiana e mestrand, em Sociologia, Cláudia Rodrigues, é essencial a parceria entre instituições, uma vez que permite a troca de olhares e de perspectivas acadêmicas entre uma universidade conceituada, e outra, em fase de surgimento e consolidação.

Depois de anos construindo sua carreira acadêmica no Brasil, José Carlos dos Anjos salienta o caráter pessoal de sua participação na criação do curso de pós-graduação em Sociologia em seu país. Para ele, tem sido compensador colaborar nesse processo, pois se sente retribuindo tudo o que aprendeu nas áreas em que buscou formação no exterior: Sociologia, Desenvolvimento Rural e Antropologia.

Para Fernando Schnaid, o sucesso da cooperação UFRGS e Uni-CV só virá se esta iniciativa for encarada não como um auxílio de um país a outro, mas como uma ação de benefício mútuo. Se, por um lado, a intenção da equipe da Universidade é formar os novos professores da Uni-CV, por outro, cria-se uma relação permanente com a África que, em longo prazo, também resultará em dividendo para a UFRGS, trazendo pessoal qualificado para formação de doutorado.



Semelhanças aproximaram Brasil e Cabo Verde

Para conhecer Cabo Verde

www.unicv.edu.cv – Site da primeira universidade pública do país

www.governo.cv – Página oficial do governo cabo-verdiano que reúne dados históricos e geográficos

www.guiadecaboverde.cv – Guia completo sobre o arquipélago que traz informações sobre cultura, meio ambiente e gastronomia

www.asemana.cv – Versão digital do principal semanário do arquipélago com notícias, colunas e informações gerais



Sob a sombra de Bolívar

Política

Inspirado nos ideais revolucionários do libertador da Venezuela, Hugo Chávez promove transformações e divide o país

Juliano Tatsch

Em dezembro de 2007, a América Latina foi surpreendida por uma notícia que até pouco tempo pareceria inimaginável: o presidente da Venezuela, Hugo Chávez, foi derrotado em um dos seus referendos populares. A importância do acontecido não está somente no fato de Chávez ter sido vencido, apesar disto jamais ter ocorrido durante os nove anos em que a Venezuela está sob seu comando, e sim em razão do que estava sendo votado pelos venezuelanos. No pleito, foram votadas uma série de reformas constitucionais, que afetavam 69 dos 350 artigos da Constituição, e decidiam, entre outros pontos, sobre o fim do limite de vezes em que o presidente poderia se candidatar à reeleição, o aumento do mandato presidencial de seis para sete anos, o fim da autonomia do Banco Central da Venezuela e a diminuição da jornada de trabalho de 8 para 6 horas diárias.

O que estava em jogo no referendo era o rumo do processo de mudanças sociais, políticas e econômicas em curso na Venezuela. Para a professora do Departamento de História e da Pós-graduação em Relações Internacionais do IFCH, Claudia Wasserman, a derrota de Chávez é benéfica para as mudanças que ele está implantando na Venezuela. “Acho muito bom para o processo bolivariano que tenha havido essa derrota, no sentido de que se estabeleça como uma derrota democrática, fruto de um processo que segue as normas formais da democracia”, enfatiza. De acordo com a professora, o resultado do pleito tem dois significados práticos. “Em primeiro lugar, acho bom que a sociedade venezuelana possa escolher até que ponto o poder que está nas mãos do Chávez seja ocupado por ele, porque, com o referendo, a sociedade venezuelana estabeleceu limites: primeiro, a não reeleição in-



Resultado do referendo colocou limites à ambição de poder do presidente

definida; segundo, a necessidade de se ir com calma na intensificação do socialismo na Venezuela.”

Na opinião de Claudia, a radicalização do processo de transformação daquele país em uma república socialista tem causas claras. “Trata-se de uma esquerda que não é *light* e que acabou se radicalizando justamente por causa da proximidade com os Estados Unidos, pelo tipo de produto que a Venezuela tem e o mercado que ela representa”, destaca.

O resultado do referendo também demonstra, conforme a pesquisadora, o atual estado da sociedade venezuelana. “Ele estabelece e demonstra a polarização do país, que está dividido em dois. Isso abre um flanco para uma certa preocupação, pois não existe um centro, na medida em que os favoráveis a Chávez são bastante radicais e os desfavoráveis também. Não existe uma parte da população que seja indiferente à participação política”, observa.

A derrota de Chávez reanima a discussão entre os que afirmam que o presidente venezuelano é um aspirante a ditador e os que o classificam como um democrata. Claudia Wasserman acredita que o resultado das urnas não mudará a imagem de Chávez que a mídia internacional criou. “A imagem da mídia internacional é folclorizada, distorcida e até preconceituosa. A mídia massiva é completamente contra o Chávez e vai continuar sendo. A aceitação da derrota,

pode estabelecer até uma justificativa de seus defensores, uma demonstração de que ele está respeitando as normas democráticas, mas isso não irá fazer com que a imagem dele mude”, afirma.

Alcance político real – Muito mais do que apenas utilizar-se da retórica ou da imagem de líder associada à figura de Simón Bolívar (militar revolucionário que promoveu a independência venezuelana e de outros países latino-americanos) como um exemplo a ser seguido, a pesquisadora considera que Chávez e a Venezuela possuem uma importância política e econômica real na região. “Eles são o principal fornecedor de petróleo para os Estados Unidos e um dos principais para a Argentina. Nesse sentido, o alcance político e econômico é bastante significativo, porque é o único país que pode se contrapor de verdade aos Estados Unidos e suas políticas de intervenção e interferência econômica e política nas questões dos vizinhos latino-americanos. Além disso, a Venezuela pode estabelecer metas propositivas para a formação de um bloco sul-americano através da integração energética”, explica.

O ponto-chave para a consolidação da aliança energética proposta por Chávez está no estreitamento das relações com a Bolívia após a eleição de Evo Morales, em 2005. Para Claudia Wasserman, o que aproxima os dois presidentes são os seus objetivos em

comum. “Morales está seguindo os passos de Chávez, não no sentido imitativo, mas se apoiando politicamente nele para tentar manter essa idéia de uma participação popular no governo cada vez maior.” As diferenças entre os dois presidentes, conforme a professora, estão em suas origens e na situação de seus países. “Evo Morales é oriundo de uma população camponesa e indígena. Além disso, a Venezuela é um país muito mais rico do que a Bolívia. Hoje, o país de Chávez tem condições de processar o seu produto de exportação, já o de Morales depende de parceiros internacionais para fazer isso. Na Bolívia, temos um movimento indígena que partiu do campo em um país muito menos favorecido economicamente.”

Socialismo protagônico – As propostas levadas à votação por Chávez em dezembro visavam a um aprofundamento nas transformações sociais, políticas e econômicas pelas quais a Venezuela já está passando. O objetivo das mudanças era a implantação do socialismo bolivariano, ou socialismo do século XXI, como o próprio Chávez define.

Para a historiadora, a proposta venezuelana se diferencia das outras experiências de nações socialistas principalmente no que se refere à participação popular na tomada de decisões. “O socialismo da URSS, do Leste europeu e de Cuba tinha como base um forte controle da economia e formas de governo extremamente autoritárias, porque estava cercado pelo mundo capitalista, que instituiu uma guerra contra o comunismo. O socialismo que Chávez está pregando, um socialismo bolivariano, tenta despistar um pouco desse viés autoritário, embora o Estado tenha de estar muito presente na regulação da economia, apontando para formas mais democráticas de governo. É um socialismo que podemos chamar de protagônico, em que o povo teria um protagonismo maior.” Apesar de crer que as pressões internas e externas contrárias às mudanças serão muito grandes, a pesquisadora afirma que as propostas de Chávez são possíveis de serem aplicadas na prática. “Muitas coisas já estão sendo feitas em termos de cooperativismo, de distribuição dos lucros com o petróleo e dos programas de saúde e educativos. Se pensarmos no socialismo como a abolição das desigualdades, eu acho que isso já está em curso na Venezuela”, enfatiza Claudia Wasserman.

O futuro de Chávez

Com a ocorrência da primeira derrota política, pode-se pensar que se iniciou um processo de declínio da liderança de Chávez na Venezuela. Contudo, a historiadora Claudia Wasserman acredita que a tendência não é essa, pois ele foi eleito em 2006 para um novo mandato, tendo mais cinco anos no poder. O que pode ocorrer, segundo ela, é um crescimento da oposição no país. “Para os opositores isso pode significar o início de uma retomada, porque o resultado do referendo revela que eles têm o apoio de quase a metade da população venezuelana. Eu digo quase, porque entre os mais de 50% que votaram contra o referendo, encontramos os que eram favoráveis a Chávez, mas queriam colocar limites à sua ambição de poder. Isso revela que a oposição conquistou terreno dentro da política venezuelana, um espaço antes inexistente.”

Hugo Chávez foi eleito presidente da Venezuela em 1998, obtendo 56% dos votos. Em 2000, seu mandato foi confirmado, com Chávez recebendo 59,7% dos votos e, em 2006, ele foi novamente reeleito, desta vez sendo o escolhido de 62,9% dos venezuelanos. A derrota no referendo de dezembro, quando o “não” às mudanças venceu por 50,7%, sinaliza uma considerável diferença no quadro até então existente no país.

De 1958 a 1998, a Venezuela viveu uma democracia baseada no acordo chamado de Punto Fijo, entre os dois maiores partidos, ambos de centro, que eram compostos basicamente por grupos empresariais. Essa democracia sustentava-se na divisão dos lucros das vendas do petróleo entre setores das classes média e alta do país, aliadas ao capital internacional. Conforme a pesquisadora, essa é uma das principais razões pelas quais a oposição venezuelana tem dificuldade para compor seus quadros políticos. “A oposição é formada basicamente por empresários ligados à *Federación de Cámaras, de Comercio y Producción* (Fedecamaras), entidade que agrupa os setores empresariais do país. Essa oposição não criou quadros políticos tradicionais e isso dificulta o surgimento de novas lideranças”, conclui.



Venezuelanos protestaram contra medidas propostas por Chávez



Às duas margens do mar salgado

Intercâmbio

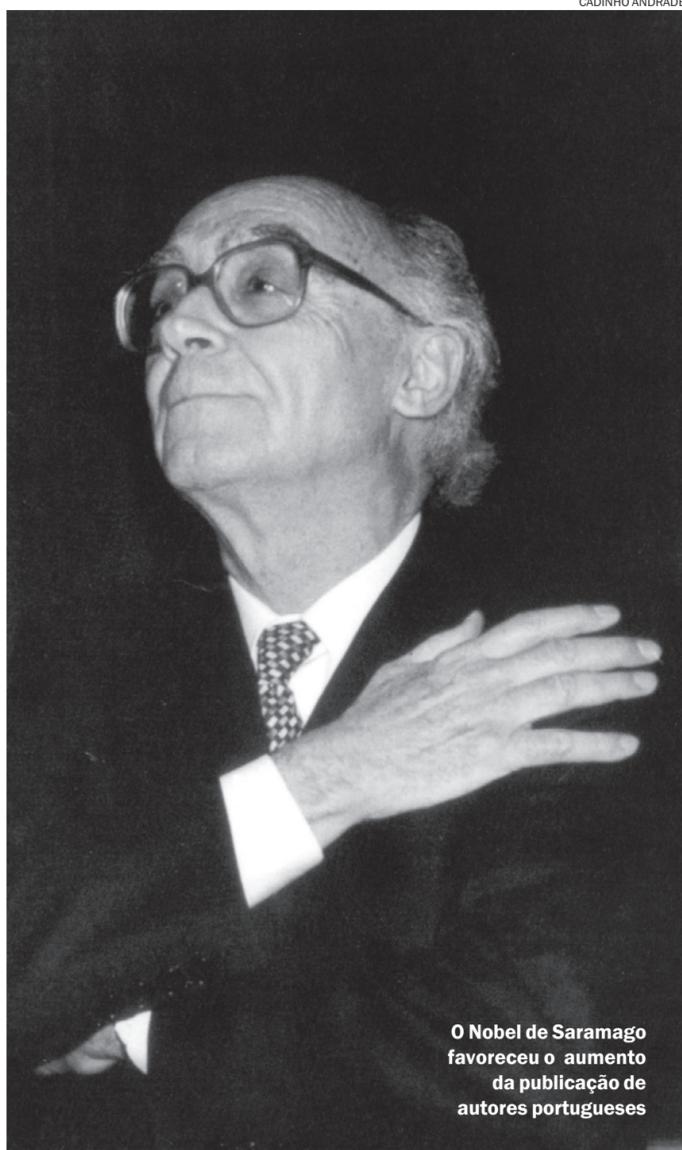
Depois de décadas, literatura portuguesa contemporânea volta às prateleiras no Brasil

Marcelo Spalding

No Rio Grande do Sul se faz, atualmente, a melhor literatura do Brasil, assim como em Portugal se faz a melhor literatura da Europa. A frase é do incontestável Luiz Antônio de Assis Brasil e, se não encerra uma verdade absoluta – pela impossibilidade de comprovação – demonstra o *status* que a literatura contemporânea da terra de Camões atingiu entre os leitores da ex-colônia.

Carlos Tomé, escritor português dos Açores, acredita que o Prêmio Nobel de José Saramago contribuiu decisivamente para esse retorno dos brasileiros aos autores portugueses, antes reduzidos, em termos de mercado, a nomes como os de Eça e Pessoa. Mas não explicaria o destaque que o autor percebeu, em livrarias brasileiras, a livros de José Rodrigues dos Santos e de Miguel de Sousa Tavares, por exemplo. O romancista Assis Brasil, apontado por Tomé como um dos grandes responsáveis por este intercâmbio literário, acredita que são vários os motivos que explicam o crescimento do interesse pela literatura portuguesa contemporânea, como a baixa do custo de produção do livro (que permite ao editor assumir riscos), a divulgação por meio da internet, facilitada por se falar a mesma língua, o crescente interesse dos meios acadêmicos pelo tema e a facilidade dos deslocamentos internacionais.

A professora do Instituto de Letras da UFRGS Jane Tutikian, uma estudiosa da literatura de língua portuguesa, e inclua-se aí as africanas, também acredita que vários fatores explicam esse interesse, citando a globalização, o Nobel de Saramago, que teria aberto as portas para a literatura portuguesa contemporânea no Brasil, e, é claro, a qualidade da literatura portuguesa. “O fim do salazarismo representou não só uma



CADINHO ANDRADE

O Nobel de Saramago favoreceu o aumento da publicação de autores portugueses

ruptura histórico-político-social, mas também cultural, marcou o fim da censura e também da auto-censura e a entrada de uma geração de escritores pronta para reler criticamente a história portuguesa”, afirma a professora.

De fato Saramago é nome já popular no Brasil, talvez como Mia Couto (autor moçambicano publicado por editoras portuguesas), mas aqueles que lêem certamente já se depararam com obras de Lobo Antunes ou Inês Pedrosa ou Miguel de Sousa Tavares ou Helder Macedo ou Lídia Jorge ou Gonçalo M. Tavares. Este último, aliás, foi o grande vencedor da edição 2007 do Prêmio Portugal Telecom de Literatura, o mais importante da literatura brasileira e que neste ano ampliou seu espectro

para a literatura de língua portuguesa em geral.

Sintomática dessa aproximação entre portugueses e brasileiros é o último livro da editora gaúcha Casa Verde, *Contos de Algibeira*. Depois de *Contos de Bolso* e *Contos de Bolsa*, duas antologias de minicontos compostas apenas por autores gaúchos, a Casa atravessou o mar e fez uma edição binacional, com direito à participação do premiado Gonçalo Tavares aos gauchíssimos Assis Brasil e Walter Galvani. “A idéia inicial já era ampliar o projeto, incluindo autores de fora do estado e de outros países, aí a opção de começar pelos portugueses surgiu naturalmente. Afinal, temos o mesmo idioma e lá em Portugal também existe um interesse crescente pelos minicontos”, afirma Laís

Chaffe, organizadora das antologias, para quem o mais importante desse ressurgimento da literatura portuguesa nas prateleiras brasileiras é a maior quantidade de opções.

Uma das dificuldades que Laís encontrou para a organização do livro foi a questão da ortografia, pois a língua portuguesa é a única das mais faladas do mundo com duas ortografias oficiais, a brasileira e a portuguesa (utilizada também nos países africanos). A organizadora optou por não unificar a ortografia, respeitando as diferenças gramaticais e mantendo as respectivas particularidades do léxico e da sintaxe. Tal diferença ortográfica, segundo estudiosos como o gramático Carlos Emílio Faraco, traz claros prejuízos culturais, econômicos e políticos ao Brasil, e prova disso seria o fato de que diversos livros de autores portugueses e luso-africanos trazem a grafia original a pedido do autor, mas nenhum livro de autor brasileiro é editado com a grafia original em Portugal. “Os portugueses não aceitariam tal ousadia, tal ultraje”, afirmou Faraco em palestra sobre o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

De fato quando perguntamos aos escritores brasileiros e portugueses se também a literatura contemporânea brasileira tem circulado além-mar as respostas não são uníssonas. Jane Tutikian afirma que “os autores mais conhecidos continuam sendo os de 30, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Erico Verissimo, devido à importância geracional que tiveram”. Luís Augusto Fischer, escritor e professor do Instituto de Letras da UFRGS, também desconfia da reciprocidade e aponta a disparidade da população como um dos fatores (Portugal tem em torno de 10,9 milhões de habitantes; o Brasil, 183,9).

Já os escritores portugueses Carlos Tomé e Nuno Costa acreditam que haja, sim, essa troca: “a literatura portuguesa tem muito a ganhar com a verve e o nervo da nova prosa brasileira”, afirma Nuno. Opinião semelhante a de Assis Brasil, que teve três romances editados em Portugal, e considera excelente a circulação dos autores brasileiros naquele país pois “nós temos a ganhar, com os portugueses, a completa riqueza de uma língua, bem como o modo de trabalhá-la no texto literário, enquanto temos a contribuir com uma inventividade que, se ficar em níveis transitivos, pode ser útil para além-mar”. Sorte a dos leitores que atravessam o Oceano com a própria língua.



THIAGO VIEIRA/JORNAL DE SÃO PAULO

Entrevista Gonçalo M. Tavares

Vencer o Prêmio Portugal Telecom de 2007, considerado o mais importante do Brasil, foi uma surpresa?

Fiquei muito contente por saber que um júri de muita qualidade deu o prêmio por unanimidade a “Jerusalém”. Neste tipo de coisas não há surpresas e, ao mesmo tempo, é sempre algo estranho.

Tem visitado o Brasil?

Estive no Brasil duas vezes, em Parati e no Rio, há dois anos. E em São Paulo, no ano passado. Gostaria muito de ir mais vezes, mas é uma viagem longa. Tento equilibrar com as minhas idas a outros lugares. Mas o Brasil tem essa coisa boa de depois de muitas horas de viagem não nos vemos obrigados a deixar a língua portuguesa na bagagem. Isso parece quase um milagre.

Como vê a leitura de autores portugueses contemporâneos no Brasil?

Brasil e Portugal estão mesmo muito afastados, infelizmente. E a distância física tem consequências: por exemplo, eu não tenho idéia de como os outros autores portugueses contemporâneos estão aí a ser recebidos. Eu vivo em Lisboa e nem aqui chegam os jornais brasileiros, nenhum deles. Podemos comprar jornais de quase todo o mundo, mas jornais brasileiros, desde há alguns anos, não chegam cá. Se não chegam jornais generalistas, muito menos as revistas ou os suplementos literários e artísticos. Fico triste por isso.

Quais autores brasileiros contemporâneos têm trânsito em Portugal?

Há vários autores brasileiros a serem publicados aqui, desde os clássicos aos mais novos. A situação não é má de todo. No entanto, o que senti quando estive aí, à medida que fui comprando livros, recolhendo nomes e sugestões de autores brasileiros, é que há vários escritores de altíssima qualidade que aqui em Portugal ainda não foram editados. Por vezes, traduzem-se livros do inglês, livros perfeitamente desnecessários, enquanto temos na nossa Língua vários autores brasileiros de qualidade que não circulam.

O que o motivou a participar da antologia *Contos de Algibeira*?

O prazer de participar num projeto de grupo em língua portuguesa. Acredito que a literatura é também aproximação entre escritores, gosto da idéia de que um escritor é companheiro de outro escritor. Independentemente do gênero, do tom de escrita etc., dois escritores são companheiros em algumas escolhas essenciais. Antes de morrer, quisemos participar no mundo, escrevendo. Isto já nos une muito. Por isso o meu prazer em estar nesse grupo grande dos *Contos de Algibeira*.

Prêmio O melhor romance de 2007 é português

Apesar do nome, Prêmio Portugal Telecom de Literatura, desde 2003, a competição tem se consolidado como a mais importante da literatura brasileira devido aos R\$ 150 mil que anualmente distribui aos três melhores livros do ano. Em 2007, abriu a possibilidade de inscrição de obras editadas nos demais países de língua portuguesa, fato que colocou na lista dos 10 finalistas nomes como Dalton Trevisan e Mia Couto. Mas o vencedor, para surpresa de muitos, foi o romance *Jerusalém*, do português Gonçalo M. Tavares.

A partir de um tema já eternizado em Machado e estudado com profundidade em Foucault, a loucura e seus limites, a loucura e os “sãos”, a loucura e seu cárcere, Tavares cria uma narrativa fragmentada, intensa, explosiva. Romance com feição de conto, deixa nas entrelinhas o mais importante e vai arrastando o leitor página após página para a inevitável tragédia.



Afora o cuidadoso trabalho formal, nitidamente português mas bastante renovado, arejado, chama a atenção no romance a temática e o espaço universalistas. O título é *Jerusalém*, mas a cidade bem poderia ser Lisboa, Rio de Janeiro, Maputo, Paris. Há referências veladas ao Holocausto, mas bem poderiam ser à guerra colonial na África, às chacinas dos morros

cariocas, aos enforcamentos da Revolução Francesa. E nesse aspecto o romance está de acordo com a produção de micronarrativas de Tavares (publicadas na série *Os senhores*, da qual *O senhor Valéry* é o primeiro), demonstrando um traço importante da literatura portuguesa: o internacionalismo ou, parafraseando Jane Tutikian, um olhar mais atento ao homem e não à terra. Situação que pode, inclusive, ajudar a entender o interesse e sucesso da literatura contemporânea na terra de Machado.



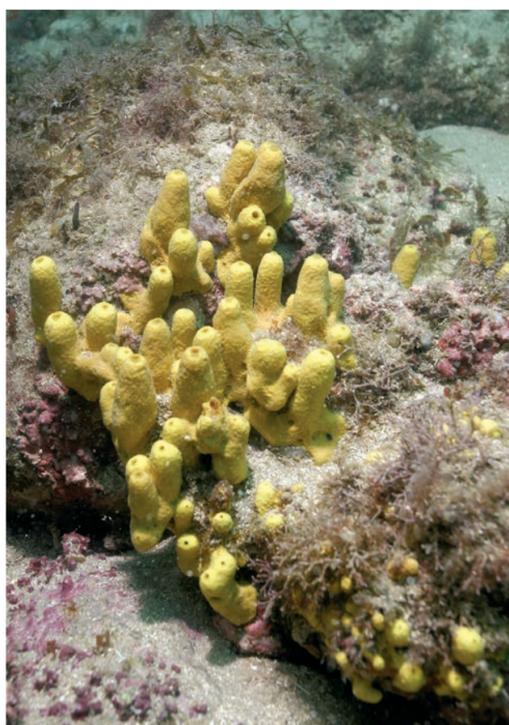
P
E
S
Q
U
I
S
A

S
U
B
M
A
R
I
N
A



FOTOS **JOÃO PAULO CAUDURO FILHO**
TEXTO **ÂNIA CHALA**

Coleta de esponjas para pesquisa desenvolvida pela UFRGS e Fundação Zoobotânica do RS, realizada no litoral de Santa Catarina, é registrada pelas lentes de João Paulo Cauduro Filho



Desde a década de 90, UFRGS e Fundação Zoobotânica do RS desenvolvem um estudo taxonômico das esponjas da costa sul-brasileira para identificação de sua ação biológica anticancerígena e antimicrobiana. A pesquisa é coordenada pelas professoras Beatriz Mothes, do Museu de Ciências Naturais, e Amélia Henriques, da Faculdade de Farmácia, com a participação das pesquisadoras Elfrides Eva Schapoval (UFRGS) e Clea Lerner (FZB), e financiamento do CNPq e Fapergs. Uma das etapas do trabalho, que já rendeu três dissertações de mestrado e duas teses de doutorado (em andamento), envolve a coleta de esponjas, realizada em média duas vezes ao ano.

É aí que entra o trabalho do autor das imagens deste ensaio.

João Paulo Cauduro Filho, começou a fotografar aos 15 anos de idade. O interesse por fotos submarinas veio depois de um período de férias em Bombinhas (SC) e de ouvir as inúmeras histórias que a amiga e pesquisadora do Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do RS (FZB), Cléa Lerner, contava após os mergulhos. João Paulo fez o curso de mergulho em 1995 e, dois anos mais tarde, comprou o primeiro equipamento de foto-sub. Como os cursos de fotografia subaquática eram raros, todo seu aprendizado acabou se dando da maneira mais difícil - por tentativa e erro. Entre 1998 e 2004, ele colaborou com a revista *Mergulho* em mais de 15 edições, sendo três com a foto de capa. Também teve suas fotos publicadas nas revistas *Imersion* (Espanha), *Weekend* (Argentina) e *SuSports* (Porto Alegre). Desde 2003, participa do Campeonato Brasileiro de Foto Sub, tendo obtido o vice-campeonato em seu primeiro ano como concorrente. A amizade com a pesquisadora da FZB levou-o aos primeiros mergulhos para estudos de mestrado e doutorado com esponjas marinhas. João Paulo concilia a carreira de advogado com a paixão pela fotografia fazendo viagens nos finais-de-semana. Curioso por natureza, ele acha que nada melhor do que mergulhar com pessoas especializadas para esclarecer as dúvidas que surgem ao vasculhar o ambiente marinho. Nas saídas para pesquisas, que geralmente ocorrem em águas da região da Reserva do Arvoredo, no litoral catarinense, ajuda a encontrar os seres que são os objetos de estudo. "Como tenho mais de 500 mergulhos na região, penso que funciono, além de fotógrafo, como um guia."

As amostras do material coletado pelos bolsistas-pesquisadores são depositadas na Coleção de Poríferos Marinhos do Museu de Ciências Naturais da FZB.

